

**Literatura, cultura e escola: resistência e mudança pelo texto literário**

*Literature, culture and school: resistance and change through the literary text*

Andrialex William da Silva  
**Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)**  
Natal-Brasil

**Resumo**

O ensaio discute as intersecções entre literatura, cultura e escola. Objetivamos refletir sobre a relação do texto literário com a cultura e a com pautas identitárias, defendendo a leitura dessas obras na escola. Entendemos que a literatura abre portas para que seu leitor tenha contato com diferentes culturas, trazendo em seu cerne questão fundamentais para a nossa sociedade, inclusive de grupos identitários, como as mulheres, a comunidade negra, indígena, LGBTQIA+ e as pessoas com deficiência. Compreendemos que as leituras de textos literários que tragam esses grupos para o foco das discussões, assim como as culturas que produzem, são fundamentais no ambiente escolar, considerando o contato sistematizado do aluno com a diversidade por meio da arte da palavra. Concluímos defendendo a importância de tais leituras, considerando-as instrumentos de transformação social e cultural.

**Palavras-chave:** Literatura; Diversidade; Ambiente escolar.

**Abstract**

The essay discusses the intersections between literature, culture, and school. We aim to reflect on the relationship of the literary text with culture and with identity agendas, defending the reading of these works at school. We understand that literature opens doors for its reader to have contact with different cultures, bringing at its core issues that are fundamental to our society, including those of identity groups such as women, black people, indigenous people, LGBTQIA+, and people with disabilities. We understand that readings of literary texts that bring these groups into the focus of discussions, as well as the cultures they produce, are fundamental in the school environment, considering the student's systematized contact with diversity through the art of the word. We conclude by defending the importance of such readings, considering them as instruments of social and cultural transformation.

**Keywords:** Literature; Diversity; School environment.

## **1. Introdução**

*"Resistência e Mudança geralmente começam na arte, muitas vezes na nossa arte, que é a arte das palavras". – Ursula K. Le Guin<sup>1</sup>*

A fala da celebre autora norte-americana que abre esse ensaio, entre muitas outras coisas, nos provoca a pensar acerca do papel da arte, em especial da literatura, em um cenário de revolução, no qual resistência e mudança são palavras-chave e norteadoras da ação humana. É preciso considerar o potencial revolucionário do texto literário na construção de uma sociedade que resiste a opressão, de todas as ordens, ao autoritarismo, de todos os poderes e ao homicídio, de pessoa, ideias e culturas. Nessa mesma perspectiva, é fundamental considerar as contribuições da literatura para o desencadeamento de mudanças sociais na busca de garantir uma vida digna a todas as pessoas, com justiça e equidade.

Em uma breve análise de nosso cenário mundial, podemos identificar diversas questões sociais que urgem por resoluções há décadas, a título de exemplo, podemos citar: o movimento feminista que surge na busca da equidade entre os gêneros, o empoderamento da mulher e a libertação de corpos femininos, entre outras pautas; o movimento negro, que busca reparação histórica por séculos de desigualdade, pelo direito a vida com dignidade, pela equidade de oportunidades dentro de uma sociedade estruturalmente racista, pela representatividade nas diferentes camadas sociais; o movimento indígena, que luta por suas terras, cerceadas ao longo das décadas, tendo sua existência ameaçada pelo predatório capitalismo, que rouba seus saberes, suas identidades, seu território e suas vidas; o movimento LGBTQIA+, que busca seu direito de existir e de ser, seu espaço em uma sociedade heterocisnormativa, que cerceia a pluralidade existencial e padroniza as formas de estar no mundo; o movimento da pessoa com deficiência, que luta por inclusão, pelo direito de ser diferente, por um mundo que verdadeiramente acolhe a diversidade.

Todos esses movimentos, e outros, se expressam nas mais diferentes artes, como as obras de Frida Kahlo que por meio dos autorretratos repensam o feminino, os sambas brasileiros que questionam o lugar marginalizado do negro em nossa sociedade, as produções audiovisuais que trazem como protagonistas gays, lésbicas e transgêneros, dentre tantas outras manifestações artísticas que apresentam em seu cerne pautas identitárias importantíssimas. Com a literatura não seria diferente. Os textos literários têm, sobretudo

nas últimas décadas, apresentado ao leitor diferentes culturas, diferentes modos de se viver, sob diferentes óticas, sendo não mais o autor homem branco escrevendo sobre o diferente, como José de Alencar com sua literatura indianista<sup>ii</sup> ou Adolfo Caminha com “O bom crioulo”, mas o autor pertencente a um ou mais dos movimentos citados anteriormente, escrevendo a partir de suas próprias experiências, como diria Conceição Evaristo, uma verdadeira escre(vivência).

É preciso, assim, considerar uma fuga do cânone literário, que é predominantemente construído por autores brancos, homens, cisgêneros e burgueses, e se abrir a uma literatura que por vezes foi marginalizada. Importante destacar que esse ensaio não tem como objetivo criticar o cânone literário, Calvino<sup>iii</sup> já nos explicou o porquê de ler os clássicos, mas a provocar o leitor para ir além do cânone, ler textos escritos por autores plurais, despertando diferentes experiências estéticas e culturais. É preciso pontuar que os estudos literários dialogam fortemente com os estudos culturais (CAVASCO, 2003), uma vez que a literatura representa por meio da ficcionalidade uma determina cultura.

Assim, podemos então falar de literaturas, no plural, que nos apresentam diferentes culturas, representam diversas identidades e provocam no leitor experiências singulares, considerando o seu lugar no mundo. É preciso então buscar com que as diferentes literaturas cheguem aos diferentes leitores nos diversos espaços sociais, inclusive na escola. Amarilha (2009), explica que em muitas situações o ambiente escolar é o único lugar no qual alguns sujeitos tem contato com o texto literário, sobretudo aqueles de camadas sociais mais pobre, os quais, muitas vezes, entendem o livro como um objeto de requinte e pertencentes apenas a burguesia. Assim, surge o questionamento, que literatura estamos lendo em nossas escolas?

Obviamente esse ensaio não tem condições de responder tal provocação, mas tem como objetivo refletir sobre a relação do texto literário com a cultura, considerando a presença de pautas identitárias na literatura e defender a leitura dessas obras no ambiente escolar, sobretudo, nas instituições que atendem o alunado pobre. O ensaio está construído da seguinte forma: no segundo tópico discorreremos sobre a literatura enquanto um fenômeno que educa e um direito de todos; no terceiro tópico apresentaremos a relação dos estudos literários com os estudos culturais, frisando as diferentes pautas identitárias na literatura; no terceiro tópico adentraremos na discussão acerca da importância desta literatura no ambiente escolar, sobretudo quando pensamos em instituições que atendem alunos pobres,

tendo como plano de fundo as discussões curriculares das teorias pós-críticas; por fim, apresentaremos nossas reflexões finais. Nosso intuito com essa organização textual é promover uma reflexão progressiva, no qual, a cada tópico um novo elemento é inserido.

## **2. A literatura, entre a realidade e a ficcionalidade**

A fala da autora norte-americana que abre esse texto traz consigo um ponto fundamental das discussões acerca da literatura, a compreensão que essa pode ser entendida como a arte da palavra. Aqui, consideraremos arte, não como algo estático e sem movimento, mas a partir do entendimento de Candido (2006, p. 31), que a compreende como “um sistema simbólico de comunicação inter-humana”, objeto também de análise científica. Costa (2007, p. 16) nos explica que o texto literário pode ser entendido como aquele “que se relaciona direta e exclusivamente com a arte da palavra, com a estética e com o imaginário”. Assim, o entendimento da literatura enquanto arte nos leva a inferir que o texto literário está comprometido a despertar sensações e emoções por meio do simbólico, cumprindo assim sua função estética, e se diferenciando de outros textos, que tem outros objetivos únicos, tais como informar ou ensinar.

É preciso aqui fazer uma ressalva, a literatura também educa, como propõe Amarilha (2009), mas não busca promover uma educação tal qual o currículo escolar prescrito nos documentos oficiais que norteiam a educação, comprometido com conteúdos específicos. A educação desencadeada pela literatura diz respeito a sensibilidade, a modos de ser e de viver, ensina ao leitor formas de compreender o mundo e de experienciar os acontecimentos da vida, de se reconhecer e de conhecer o outro. Ocasionalmente, a educação do texto literário pode coincidir com os conteúdos escolares, entretanto é fundamental que a literatura não se resume a um pretexto para o ensino de tópicos curriculares, resumindo-a a uma leitura corriqueira sem potencial para reflexões mais densas (AMARILHA, 2009; COSTA, 2007).

Nesse sentido, é preciso considerar que a literatura não é refém do currículo escolar ou de qualquer outro instrumento social que a imponha limites. Assim, “o texto literário traz assuntos que permeiam as relações sociais e que são tratados com indiferença em outros meios” (SALDANHA; AMARILHA, 2016, p. 379). Com isso, podemos compreender que o texto literário, por meio da ficcionalidade e da imaginação, nos apresenta as mais variadas camadas da vida. Sobre essa relação, a literatura e realidade, Costa (2007, p. 63) explica que “a literatura, que tem o imaginário e a ficcionalização, como elementos constituintes de sua identidade, transforma a realidade em linguagem”. Assim, estamos falando essencialmente

de como língua pode ser organizada de forma inteligível e criativa a ponto de provocar no seu interlocutor experiências psicológicas e emocionais plurais (CULLER, 1999).

Com isso, o potencial formativo da literatura, que extrapola o currículo escolar e se volta a formação integral do sujeito, considera suas faculdades psicológicas, sobretudo emocionais, ampliando suas formas de entender a realidade a qual faz parte. Candido (1999), defende que o texto literário, para além de formar o leitor, forma o sujeito em sua integralidade, cumprindo assim sua função humanizadora na qual proporciona por meio de uma relação simbólica de empatia e troca, a sensibilização do leitor. O crítico e estudioso literário nos explica que “o leitor, nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua, e deste modo, pronto para incorporar à sua experiência humana mais profunda o que o escritor lhe oferece como visão da realidade” (CANDIDO, 1999).

Ainda sobre o processo de humanização por meio da literatura, Saldanha e Amarilha (2016, p. 379) nos apontam que “a literatura é intrínseca à formação humana; nesse sentido, o acesso ao texto literário dignifica o leitor e permite o contato com o belo, o feio, o prazer, a frustração, o dissabor, o riso”. Quando falamos da experiência estética com o texto literário e seu despertar para a sensibilidade, não estamos apontando apenas para aquilo que é socialmente construído como “bom”, tal qual os textos literários que terminam com o jargão comum do “felizes para sempre”.

A literatura também revolta, desinquieta, provoca, incomoda, nos desestabiliza e nos leva a repensar a nossa realidade, para além do entendimento simplório do senso comum em que o texto literário apenas se relaciona com belo, representa apenas aquilo que é aprazível ao leitor. Assim, “a leitura literária expressa características especificamente humanas: desejos, sonhos, aspirações, idealizações, medos, perdas, conflitos. (SALDANHA, AMARILHA, 2016, 379). A título de exemplo, pensemos sobre o conto “Negrinha” de Monteiro Lobato, no qual nos desperta indignação, com os feitos da Dona Inácia, repulsa as condições de vida da jovem escravizada, e tristeza, com o fim da pobre menina. Com isso, “o texto literário quebra a falsa harmonia, muitas vezes, camuflada na sociedade, para dar lugar ao questionamento, ao desequilíbrio e à transformação” (SALDANHA, AMARILHA, 2016, 381).

É importante que consideremos que a qualidade literária do texto não está necessariamente em seu conteúdo, nos temas que aborda ou nos acontecimentos que nos

apresenta. A literatura não é um escopo de texto com temática única, o contrário, é plural, pode versar sobre as diferentes áreas do mundo existente e, no obstante, criar mundos novos. A qualidade literária estar na forma como isso está posto, nos elementos simbólicos presentes ao longo do escrito, no uso da linguagem conotativa, das metáforas, na organização da língua de forma inteligível que considere o plano estético. Culler (1999, p. 36) defende que “literatura é linguagem na qual os diversos elementos e componentes do texto entram numa relação complexa”, essa complexidade é o que diferencia o texto literário do texto não-literário.

O texto literário é essencialmente ficcional. Para Culler (1999, p. 37) “a obra literária é um evento linguístico que projeta um mundo ficcional que inclui falante, atores, acontecimentos e um público implícito”. Considerando a ficcionalidade, a literatura amplia suas possibilidades representando ou reinventando a realidade a qual fazemos parte, extrapolando os limites físicos e sociais no mundo que vivemos. Para isso é preciso considerar que escritor e leitor acitam a suspensão ou o extrapolar da realidade pelo ficcionalidade por meio de um contrato, como propõe Leenhardt (2018, p. 42)

Escritor e leitor conhecem o contrato ficcional que os une e rege uma ordem de realidade diferente daquela que supõe o saber, de tal maneira que suas regras foram estabelecidas no enquadramento de cada uma de suas disciplinas. O contrato de leitura na ordem da ficção levanta, a priori, a questão do verdadeiro e instala a relação para “além do verdadeiro e do falso”. Esse contrato abole, pela decisão que implica, toda relevância da questão da verdade ou da falsidade. De fato, a ficção, como espaço de troca entre escritor e leitor, constitui uma realidade *sui generis*.

É fundamental compreendermos que realidade e ficcionalidade, apesar de suas naturezas distintas, têm relações íntimas, uma vez que o texto literário é escrito a partir do real, tem sua origem na psique de alguém que vivencia o momento presente. Sobre essa relação, Candido (1999, p. 83) explica que:

A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos etc. Eis por que surge a indagação sobre o vínculo entre fantasia e realidade, que pode servir de entrada para pensar na função da literatura.

É preciso considerar que “a literatura apresenta ao leitor seres humanos fictícios, complexos e paradoxais, o que propicia o envolvimento com o texto e possibilita um processo

de transformação e construção de significados para a vida do indivíduo. (SALDANHA, AMARILHA, 2016, 381). Assim, por meio da personificação da ficcionalidade nas personagens da literatura, o leitor pode criar laços empáticos considerando as diferenças e semelhanças entre o ser real e o ser ficcional. As trocas possíveis podem considerar elementos identitários, sociais e culturais, criando uma relação íntima entre leitor e personagem, entre o real e a ficção.

Culler (1999, p. 39) ainda explica que “a ficcionalidade da literatura separa a linguagem de outros contextos nos quais ela poderia ser usada e deixa a relação da obra com o mundo aberta à interpretação”. Tal elemento caracteriza a subjetividade de leitura de literatura, sua plurissignificação, a qual depende da compreensão prévia de mundo por parte do leitor e a construção textual por parte do autor. Costa (2007, p. 64) postula que “a compreensão do texto literário se dá à medida que o leitor domina com maior suficiência e independência seus signos”, a autora ainda continua afirmando que “o texto é, por sua vez, a parte concreta e indispensável ao encontro de dois pensamentos e dois pensadores: o autor e o leitor, com seus processos de interpretação do real e da linguagem literária (COSTA, 2007, p. 64). Assim, é imprescindível considerar a subjetividade na leitura de um texto literário, a dimensão íntima entre leitor e escrito, e seu entendimento e experiências da/na realidade, para então compreender a ficcionalidade.

É possível tecer a compreensão de que a literatura espelha a realidade, tal qual sua forma ou distorcendo-a considerando as possibilidades literárias do enredo apresentado, no caso da narração, ou das ideias e sentimentos postos, no caso do poema. Essa distorção é explicada por Leenhardt (2018, p. 38), ao considerar que na literatura a realidade é sobreposta pelo imaginário:

Ele não poderia refletir a realidade, simplesmente porque a atividade literária consiste em construir uma realidade ficcional na linguagem. Agora, se a literatura reflete a partir do mundo real, pode ser que seja como um espelho unidirecional (two way mirror). Ao mesmo tempo transparente e refletor, o espelho unidirecional mantém um discurso com muitas facetas em que a realidade é misturada com mundos imaginários pertencentes ao escritor, ao leitor, à cultura, ao crítico e ao sociólogo.

Essa relação que há entre a literatura e a realidade, não restringe as possibilidades do texto literário, apenas o fornece fundamentos no qual o autor se apoia na construção

linguística de seu objetivo estético (CULLER, 1999), e extrapola a própria realidade por meio de recursos que agucem a imaginação (LEENHARDT, 2018). Nesse mesmo sentido, Candido (1999, p. 86) explica que “podemos abordar o problema da função da literatura como representação de uma dada realidade social e humana, que faculta maior inteligibilidade com relação a esta realidade”. Portanto, é possível compreender que:

O leitor, em contato com a narrativa ficcional, experimenta, cognitivamente emocionalmente, inúmeras possibilidades do destino humano, portanto multiplica seu conhecimento sobre o mundo e o comportamento das criaturas, experimenta a imersão em linguagem logicamente organizada, criativamente potencializada. É também convidado a exercer sua imaginação para preencher as informações omissas no texto. (AMARILHA, 2013, p. 38).

É preciso considerar, assim, os ganhos qualitativos a vida de um sujeito leitor de literatura, que se apropria do mundo a partir de um repertório de experiências ampliado e potencializado pelo texto literário. Compreendemos que a literatura permite que o leitor mergulhe “no seu universo peculiar e ao mesmo tempo entrar em contato com o seu contexto, seus conhecimentos, suas vivências. Dessa forma, o ser humano conquista sua liberdade e vive, experimenta, transforma o que está no texto e areja sua visão de mundo”. (SALDANHA, AMARILHA, 2016, 381). O leitor de literatura superar uma visão única da realidade, e considera as diversas interpretações possíveis na leitura do mundo.

A partir do exposto, e concordando com Candido (2011), entendemos a literatura como um direito universal, necessária a qualquer sujeito em todas as etapas da vida. Concluímos esse tópico reforçando o entendimento que a literatura educa, ensina, humaniza e desautomatiza o olhar do leitor sobre a realidade a qual participa. É fundamental entendermos que esse tópico do ensaio não tem como pretensão esgotar as discussões sobre a literatura, mas apresentar fundamentos que subsidiarão as discussões que se seguem.

### **3. Os encontros da cultura com a literatura**

No discurso o qual foi retirado o fragmento que abre esse ensaio, Ursula K. Le Guin está apontando para a necessidade de entendermos que a arte não deve se curvar as tendências do capitalismo, um sistema econômico brutal no qual silencia um grupo em detrimento de outro, que subjuga a arte aos poderes econômicos de um grupo distinto de homens. A autora então defende que “os livros não são apenas commodities; a motivação do lucro muitas vezes entra em conflito com os objetivos da arte” (LE GUIN, 2015). Assim, a Le

Guin provoca os seus interlocutores a pensar sobre a literatura enquanto objeto de resistência e mudança de uma sociedade com múltiplas questões sociais problemáticas, tais como a misoginia, o patriarcado, o racismo, o capacitismo, o machismo, a intolerância e a desigualdade. Nesse cenário a literatura é também um instrumento cultural de transformação.

Para Sevcenko (1999) existe uma relação íntima entre cultura e realidade, considerando que esses dois elementos se interpõem e se inter cruzam em suas existências, uma vez que a literatura é parte da cultura, um artefato cultural, e a cultura é expressa, também, na linguagem literária. O texto, nesse caso, é um espaço simbólico no qual a literatura pode ser posta, construída e reconstruída, e questões emergentes podem ser colocadas em xeque, criticadas e repensadas.

Cabe então o questionamento: de que literatura estamos falando? Se vislumbramos viver em uma sociedade de fato democrática, é preciso considerarmos abrir espaços para as diferentes manifestações artísticas nas mais diversas linguagens. Em contrapartida, é de fundamental importância considerar espaços sociais que possibilitam que essas artes sejam apreciadas, experienciadas e vividas. Caso contrário, uma sociedade em que todos se manifestam, mas não há oportunidades para se ouvir, não passa de uma pseudodemocracia, um sistema falho de falsas trocas (AMARILHA, 2013; FREIRE, 2016). Assim, é necessário considerarmos a pluralidade cultural presente na literatura, entendendo a necessidade de tais textos serem escritos e lidos nos mais diversos espaços culturais.

Pensando na relação literatura e cultura, nos apoiamos nos estudos culturais, um corpus teórico que nos permitirá aproximar as duas temáticas considerando sua interrelação e sua retroalimentação. Para Silva (2015, p. 132) os estudos de cultura surgem na década de 1960 e tem como principal expoente o britânico Raymond Williams, centrando-se na “análise da cultura, compreendida [...] como experiência vivida de um grupo social”. Para seguirmos nessa discussão, precisamos adensar nosso entendimento sobre o que é cultura, mesmo que brevemente. O próprio Williams (1958) propõe que para iniciar esse debate precisamos compreender que a cultura é de todos. Esse entendimento que a priori parece ser simples, subverter uma compreensão comum que cultura está necessariamente atrelada um grupo distinto da sociedade, ditos como a elite e no centro das questões sociais. O autor britânico nos leva a compreender que cultura também é produzida pelos grupos que comumente estão

à margem da sociedade, como os negros, indígenas, mulheres, pessoas com deficiência, pobres e outros.

O Williams (1958) vai entender que a cultura é algo tanto tradicional quanto criativo. Assim, para o autor cultura não é algo estático, mas que sofre transformações sem necessariamente perder sua essência. O autor explica que “usamos a palavra cultura nesses dois sentidos: para designar todo um modo de vida - os significados comuns; e para designar as artes e o aprendizado - os processos especiais de descoberta e esforço criativo” (WILLIAMS, 1958, p. 2). Com isso, ambos os entendimentos se relacionam com a literatura, uma vez que o texto literário é um objeto de arte que apresenta modos de vida dos mais diversos grupos sociais, considerando as múltiplas diferenças.

Desta forma, ao pensarmos a literatura tendo como lente os estudos culturais, consideraremos os textos que versem sobre os diferentes modos de se viver, que nos apresente as mais diversas culturas. É preciso considerar que “os estudos culturais insistem em analisar cultura como prática de produzir significado e sentido, problematizando as representações sociais nos textos e na mídia audiovisual” (EGGENSPERGER, 2020, p. 67). Por exemplo, quando pensamos na obra “O quarto do despejo: diário de uma favelada” de Carolina Maria de Jesus, podemos então ver representada uma realidade que nem sempre esteve no cerne das produções literárias, a obra enseja discussões sobre pobreza, negritude, gênero, dentre outros temas. Nessa obra, a autora brasileira nos apresenta uma cultura que comumente é colocada a margem, inferiorizada e silenciada, denuncia uma realidade por meio da ficcionalidade e provoca o leitor a refletir sobre classe e poder.

Os estudos culturais têm como plano de fundo o materialismo cultural (EGGENSPERGER, 2020; CEVASCO, 2003), considerando justamente as condições do capitalismo, que hierarquizam as culturas, destacando umas em detrimento de outras. Assim, os estudos de cultura tecem críticas sobre esse entendimento e as produções resultantes desse processo, o que está de acordo com a fala da autora norte americana analisada na abertura dessa seção.

É preciso considerar que “a literatura surge como manifestação universal de todas as culturas, em todos os tempos. Ela possibilita que a humanidade acompanhe sua história, suas lutas, seus amores e dissabores” (SALDANHA, AMARILHA, 2016, p. 379) Nesse sentido, as obras de Carolina Maria de Jesus, Daniel Munduruku, Conceição Evaristo, Carlos de Assumpção, Eliana Potiguara, Clarice Lispector, Ursula K. Le Guin e tantos outros, que

apresentam em seus textos culturas desvalidas, centrando suas discussões a partir de ficções que retratem a pessoa negra, o indígena e a mulher como protagonista, pode ser entendidas como manifestações culturais de resistência, que buscam promover uma mudança qualitativa no cenário internacional.

Com isso voltamos a dualidade presente na literatura e discutida no tópico anterior, realidade e ficcionalidade. A literatura, a partir de um olhar raymondiano, pode ser entendida como uma prática social que tem como base concepções culturais apresentadas por meio da ficcionalidade. Nesse sentido, é fulcral pensarmos sobre quais culturas temos tido acesso nos textos literários que lemos na atualidade, pensando, inclusive em diversificar o contato com textos que pode nos apresentar uma multiplicidade cultural. Ler de William Shakespeare à Conceição Evaristo. Sevckenko (1999) alerta sobre a predominância de textos literários que apresentam a cultura hegemônica, e ignora as singularidades das que são colocadas a margem. Esse entendimento nos prova a pensar sobre a relação cada vez mais estreita da literatura com a cultura, assim, Cevalco (2003, p. 150) busca nos alertar que a “oposição costumeira entre literatura e realidade, cultura e sociedade mascara sua profunda interconexão: não se pode analisar uma sem a outra, e nem mesmo conceber uma literatura sem a realidade que ela produz e reproduz”.

Portanto, aqui compreendemos que pensar a cerca do texto literário, significa também considerar qual cultura essa obra nos apresenta, que práticas sociais são ali representadas e que modo de vida a obra busca refletir. Saldanha e Amarilha (2016, p. 382) colocam que “a literatura cumpre importante função para consolidar uma proposta que contemple a diversidade cultural e as diferentes relações sociais”, nesse sentido, ler literatura é também ter contato cultural por meio da produção escrita, criando relações entre o leitor e a cultura ali representada.

Candido (2006) postula que parte da atividade de crítico literário é considerar a interrelação entre Literatura e Sociedade, sendo ele um crítico que fez isso por diversas vezes, tal qual seu texto “Carrossel”, escrito em que o autor analisa o poema de “O rondó dos cavalinhos” de Manoel Bandeira. Nesse pressuposto, ser leitor de literatura essencialmente precisa considerar o aspecto social do texto, quais problematizações a obra levanta, que cultura ela representa, quem são os sujeitos ou ideias ocultas ali presentes. Destacamos aqui que compreendemos a diferença entre crítico e leitor de literatura, mas também entendemos

que quando o sujeito desempenha qualquer um dos dois papéis, naturalmente criam interpretações sobre o texto que se fundamentam na sociedade a qual participam.

Apesar de não ser nosso objetivo nesse ensaio, precisamos considerar também a relação Literatura e História, uma vez quando afirmamos que o texto literário representa uma dada sociedade e sua cultura, precisamos considerar que essa representação também está localizada em um momento histórico. O que não quer dizer que a literatura tenha uma “validade”, mas que as circunstâncias históricas de sua produção também repercutem na cultura a qual apresenta. Saldanha e Amarilha (2016, p. 382) afirmam que “a literatura traduz o pensamento humano de cada época e contribui para a cidadania, constitui-se em conhecimento indispensável para uma formação humana”.

Entretanto, a autoras consideram a atemporalidade do texto literário, ao postularem que “a literatura é um bem cultural que ultrapassa os limites temporais, que carrega a vida vivida por nossos antepassados, registra e preserva a memória histórica e possibilita entender nosso presente” (SALDANHA, AMARILHA, 2016, p. 379). Assim, mesmo um texto literário escrito há séculos, ainda podem trazer questões sociais relevantes para a atualidade, como por exemplo os poemas de Safo, poetisa grega que viveu por volta de 570 a.c., e nos apresentou uma literatura homoafetiva, representando romances lésbicos, tal qual seu fragmento 31.

Portanto, o que precisamos deixar claro nessa seção é o entendimento de que “a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais” (CANDIDO, 2016, p. 21). Dentre esses fatores, o texto literário representa elementos culturais dos mais diversos povos, assim “a literatura possibilita ao leitor vivenciar experiências diversas, conhecer vários lugares, entender a si mesmo e o outro” (SALDANHA, AMARILHA, 2016, p. 379)

Precisamos considerar a necessidade do leitor ter contato com uma diversidade significativa de texto, uma verdadeiro repertório literário multicultural, já que “ao interagir com o texto literário, o sujeito leitor se insere em um contexto sociocultural, com conhecimentos formados da interação com outros e passa a conquistar novos conhecimentos, interpretá-los, atribuir sentidos ao que lê e construir novas leituras” (SALDANHA, AMARILHA, 2016, p. 382). É importante entender que quando o leitor tem contato com um repertório literário vasto, maior a possibilidade de ele ver sua cultura ali representada, de se identificar com as representações do texto literário, de compreender a

pluralidade do mundo e a diferença entre os mais diversos grupos sociais, de respeitar a diversidade e humanizar seu olhar sobre o outro. A questão é: onde ter contato com essa pluralidade literária? Iremos refletir sobre a resposta essa questão na próxima seção desse ensaio.

#### **4. A escola enquanto lugar da literatura multicultural**

Aqui nos debruçaremos a pensar sobre onde encontrar a arte de resistência e mudança dita por Le Guin. O primeiro ponto que precisamos considerar é a democratização das manifestações artísticas, uma vez que se cultura é algo de todos, e arte é uma manifestação da cultura (WILLIAMS, 1958; CEVASCO, 2003), assim, todos tem o direito de ter contato com as mais diferentes artes, inclusive a literatura. Esse pensamento também encontra fundamento nas reflexões de Candido (2011), sobretudo quando o crítico é partidário do entendimento de literatura que compreende a multiculturalidade do texto. O autor afirma que entende como literatura “todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura”. (CANDIDO, 2011, p. 176).

É preciso então compreender que a literatura não deve ser privilégio de um grupo social distinto ou de uma cultura dominante, mas deve ser direito de qualquer sujeito, de qualquer cultura e de qualquer camada social. Dessa forma, é preciso pensar em espaços no qual o texto literário possa circular; o ideal seria pensarmos no livro de literatura em ambiente domiciliar, fora de prateleira e na mão de qualquer cidadão. Porém, esse pensamento beira a utopia, considerando as barreiras imposta pelo sistema capitalista, que inclusive colocando o livro como objeto de luxo, o tarifando, muitas vezes, com valores discrepantes. Assim, nos direcionamos para a escola, o segundo ambiente de socialização do sujeito, no qual precisa considerar obrigatoriamente o contato da literatura com o educando.

Destacamos que compreendemos o ambiente escolar como um espaço de resistência e mudança, mas sobretudo, de transformação. Ao pensarmos uma escola que parte de teorias pós-críticas do currículo (SILVA, 2015) e se fundamentada em uma pedagogia libertadora (FREIRE, 2016), podemos então vislumbrar um ambiente educacional que acolhe as diferenças, supera o sistema capitalista, rompendo com a hierarquização de classes, respeita as individualidades, valoriza as diferentes culturas e acolho as artes. Essa escola, sobretudo, humaniza o educando, entende sua singularidade e seu direito a educação de

qualidade. Sob esse entendimento de escola, compreendemos que a literatura que traz em seu cerne as mais diferentes culturas para esse espaço, não de forma pedagogizante, como apresenta Amarilha (2009), mas como fenômeno social que educa para a sensibilidade.

É preciso considerar que muitos educando apenas tem contato com a literatura no ambiente escolar (AMARILHA, 2009), com isso, é fundamental que possamos problematizar que textos têm sido lidos nas salas de aula da Educação Básica. É importante defender que os educandos precisam ir para além dos Contos de Fadas dos irmãos Grimm de origem europeia ou dos clássicos da literatura brasileira, tais como Machado de Assis, Aluísio Azevedo ou Fernando Pessoa. Destacamos que não estamos defendendo a “não leitura” desses clássicos, entendemos que todos precisam ter contato os textos desses autores. Mas compreendemos que o educando precisa também ler outras literaturas, tais como a negra, a indígena, a feminista, a que apresenta protagonistas gays, lésbicas, transexuais, pessoas com deficiência e das mais diferentes etnias.

É preciso considerar que quando o educando tem contato com essas leituras, que apontam para a diversidade presente em nossa sociedade, pode acontecer dois fenômenos psicológicos e sociais: caso a cultura retratada seja a dele, o sujeito pode se identificar com as personagens, com o enredo, com as elementos, colaborando para uma construção positiva da própria identidade; caso a cultura retratada seja outra, que não a do educando, o sujeito pode refletir sobre a diferença, conhecer novos modos de vida, respeitar a diversidade e ver representado o outro no texto lido. Ambas as perspectivas geram ganhos qualitativos na prática literária em sala de aula, para além de ampliar o horizonte cultural dos educandos, fazendo-os que conhecem a si próprio e ao outro.

Esse potencial de autoridade da literatura, que dialoga na construção da própria identidade e do entendimento que temos da identidade do outro, é fruto do processo de humanização defendido por Candido (1999), Saldanha e Amarilha (2016). Ao se ensinar a “ser humano” por meio da literatura, também se ensina a conhecer culturas, a compreender a pluralidade humana, a entender que não há um único modo de ser viver a vida, ou o modo certo. O texto literário permite ao leitor conhecer possibilidades, que visualizar a complexidade que é a vida.

Esse aprendizado de *ser humano* pode ser exercitado pelo foco das artes, da literatura particularmente, que se aproxima pelos afetos que desperta e se distancia de nós pela reflexão que clama, dando-nos a ver o que vivemos pelos olhos do outro.

A literatura nos oferece a *vida em alteridade* que ajuda a tomarmos posição, a fazermos escolhas, criticamente, com discernimento, não nos deixando enganar pelo fácil, imediato e modelarmente “verdadeiro” (YUNES, 2010, p. 60).

Com isso, precisamos apontar para a necessidade de que o ambiente escolar considerar a prática com uma literatura multicultural, ou seja, um *corpus* de textos literários que represente por meio da ficcionalidade diferentes modos de vida e de organização social da existência, considerando os mais diversos elementos, desde a espiritualidade até as políticas de funcionamento da sociedade. Vale destacar, que o multiculturalismo aqui posto, tem fundamentos no pensamento raymondiano, e dialoga com o entendimento de Candau (2010, p.18):

Contém ser sempre presente que o multiculturalismo não nasceu nas universidades e no âmbito acadêmico em geral. São as lutas dos grupos sociais discriminados e excluídos, dos movimentos sociais, especialmente os referidos às questões étnicas e, entre elas, de modo particularmente significativo entre nós, os referidos às identidades negras, que constituem o *locus* de produção do multiculturalismo.

Assim, ler literatura, sobretudo multicultural, é também um ato político de autoconhecimento e de descobertas acerca das culturas dos outros. Dessa forma, “sem a literatura e ‘seus outros’, sem os contos populares, sem a música e a dança, o espelho da palavra arrumada, que recobre o diário, cega nossa humanidade” (YUNES, 2010, p. 61). Assim, ao considerarmos uma escola com base na pedagogia libertadora, como propõe Freire (2016), essencialmente, defendemos a prática com a literatura que coloca em evidência as mais diversas culturas e que abra margem para que o leitor problematize sua própria condição social. Portanto, “é importante, assim, que na formação do leitor literário o espaço da liberdade, da espontaneidade e da inventividade, que são inerentes aos indivíduos, seja preservado” (SALDANHA, AMARILHA, 2016, 378), para que a partir disso, o educando possa questionar seu próprio lugar no mundo.

Na construção de uma escola inclusiva, é fundamental que as diversas culturas tenham espaço, que os sujeitos possam se manifestar e se identificar culturalmente com as práticas ali presentes. Nesse sentido, a literatura se apresenta como uma janela para esse contato com a diversidade, uma possibilidade de conhecer o outro e de se autoconhecer. Segundo Yunes (2010, p. 61), “para ver o que a palavra não mostra, é preciso recorrer a literatura, que dobra a língua sem autoritarismo, que rasga horizontes e dá a ver o não visto, a ouvir o inédito”. Assim, o texto literário no ambiente escolar permite que o educando desautomatize sua

leitura do mundo, que enxergue o que está nas entrelinhas e que colabore para a transformação da sociedade por meio da arte, em nosso caso, a arte da palavra.

### **5. Considerações finais**

Ao longo do texto problematizamos a fala de Ursula K. Le Guin, reafirmando o que foi posto pela autora. Dessa forma, a epígrafe que abre esse ensaio não apenas introduz nossa discussão, mas revela nosso posicionamento político no que diz respeito a literatura: uma arte de resistência e que provoca mudanças. O texto literário, nesse cenário, é uma manifestação artística que humaniza, sensibiliza e educa o leitor; e como reflexo da realidade vivida, precisa considerar em sua ficção os elementos sociais postos em nossa realidade, buscando com criticidade e inventividade problematizar questão do nosso cotidiano.

As últimas décadas têm sido marcada por movimentos sociais e pautas identitárias que lutam por seus direitos e reivindicam seus espaços de forma legítima e necessária, considerando que o sistema capitalista tem por anos reprimido, escravizado e assassinado diversas vidas que fogem do hegemônico, do burguês, do padrão. Essas lutas são políticas, sociais e artísticas, considerando as manifestações nas mais diversas linguagens. A exposição de Maria Auxiliadora no Museu de Artes de São Paulo (MASP), importante espaço de divulgação artística no Brasil, no qual retrata o cotidiano da comunidade negra, sua religiosidade, seus costumes é um exemplo de resistência por meio das artes visuais, assim como tantos outros exemplos que temos em nossa sociedade. Com a literatura não poderia ser diferente.

Considerando que a literatura reorganiza a realidade por meio do texto com criatividade, criticidade e inteligibilidade, as produções literárias apresentam em seu cerne questões eminentemente sociais, que são muitas vezes representadas por meio de alegorias e metáforas. A ficção do texto literário se fundamenta na realidade vivida, e é uma reconstrução do mundo a partir da imaginação do autor de literatura. Com isso, modos de vida são retratados nas produções literárias, considerando os mais diversos elementos do cotidiano. Realidade e ficcionalidade são elementos complementares, pois não se pode ler literatura sem que se tenha já lido o mundo.

Essa relação, ficção e realidade, nos leva a compreender a intimidade entre literatura e cultura, sobretudo quando nos apoiamos nos estudos culturais. Esse aporte teórico nos leva a entender que cultura são os modos de vida e as produções artísticas de um grupo sociais, assim o texto literário se caracteriza como um produto que representa uma realidade

específica, uma determinada cultura. Com isso, advogamos que é fundamental considerar a pluralidade cultural presente em nossa realidade e nas produções literárias, superando o cânone escrito por homens brancos burgueses e cisgêneros. Acreditamos ser fulcral a leitura de diferentes textos literários que tenham em seu cerne as mais diversas culturas.

Com isso, apontamos o espaço escolar como um ambiente para a leitura da literatura multicultural, considerando a prática pedagógica que tem como pressuposto a pedagogia freiriana. É de suma importância destacar que essa literatura não pode ser apenas pretexto para o estudo de conteúdos específicos, desqualificando o potencial educativo e humanizador do texto literário. A literatura que nos apresenta as mais diferentes culturas precisa ser lida considerando sua plurissignificação, as mais diversas recepções dos leitores, seu potencial na construção identitária dos educandos e sua colaboração na percepção do outro, do diferente, pelo leitor.

É importante destacar que o ensaio não finda as discussões aqui propostas, mas busca provocar os leitores a refletir sobre a problematização aqui exposta e ampliar a discussão iniciada nesse texto. A tangência entre literatura, cultura e escola tem sido um campo fértil de discussões acadêmicas, não atoa tem-se crescido nas últimas décadas as pesquisas sobre literatura negra ou indígena na escola. Este ensaio busca colaborar com essa discussão, promovendo um diálogo entre a teoria literária, os estudos culturais e dos debates em torno do ambiente escolar. Por fim, convidamos os leitores deste texto a ler literatura para além do cânone, as quais ao longo do ensaio apresentamos alguns exemplos, considerando que a leitura desses textos faz parte do movimento de resistência e mudança que acontece por meio das artes.

### Referências

AMARILHA, M. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 9. ed. Petrópolis: Vozes, p.93, 2009.

AMARILHA, M. **Alice que não foi ao país das maravilhas:** educar para ler ficção na escola. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. (org.). **Multiculturalismo:** diferenças culturas e práticas pedagógicas. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 13-37.

CÂNDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária**, São Paulo, n. especial, p. 81-89, 1999.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.

COSTA, Marta M. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Editora Ibepex, 2007.

CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

CEVASCO, Maria Elisa. **Dez Lições sobre Estudos Culturais** São Paulo: Boitempo, 2003.

EGGENSPERGER, Klaus. Estudos Culturais e Literatura. **Revista X**, v. 2, p. 51-70, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

LE GUIN, Ursula K. **Discurso de Ursula K. Le Guin no National Book Awards**. Youtube, 05 jun. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wntFIJ7OrzM>. Acesso em: 01 dez. 2021.

LEENHARDT, Jacques. Existência e objeto da "sociologia da literatura, hoje. **Sociologias**, n. 48, p. 30-46, mai./ago. 2018.

SALDANHA, Diana M. L. L; AMARILHA, Marly. Literatura e formação do pedagogo: caminhos que (ainda) não se cruzam. **Revista Desenredo**, v. 12, n. 2, p. 376-396, jul./dez. 2016.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **A cultura é de Todos** (Culture is Ordinary). Tradução Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Departamento de Letras - USP, 1958.

YUNES, Eliana. A provocação que a literatura faz no leitor. In.: AMARILHA, Marly (org.). **Educação e Leitura: redes de sentidos**. Brasília: Liber Livro, 2010. p. 53-62.

## Notas

---

<sup>i</sup> Trecho transcrito no discurso da celebre autora norte-americana ao ganhar o “Medal for Distinguished Contribution to American Letters”, a mais importante honraria concedida pela Fundação Nacional do Livro dos EUA.

<sup>ii</sup> Na literatura brasileira, os textos indianistas são aqueles que apresentam a figura do indígena de forma romantizada, construindo no imaginário popular uma visão mítica sobre os povos originários, como exemplo podemos citar as obras de José de Alencar, “O Guarani”, “Iracema” e “Ubirajara”.

<sup>iii</sup> Obra intitulada “Por que ler os clássicos” de Ítalo Calvino, não faz parte de nosso referencial teórico para esse texto, mas representa um importante material para as reflexões aqui suscitadas.

## **Sobre o autor**

### **Andrialex William da Silva**

Graduado em Pedagogia e graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Especialista em Literatura e Ensino e em Ensino de Língua Portuguesa e Matemática em uma perspectiva Transdisciplinar pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte e em Psicopedagogia Escolar pela Faculdade Maurício de Nassau. Mestre e atualmente doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRN, pesquisando na linha de Educação e Inclusão em contextos Educacionais.

E-mail: [andrialex@outlook.com](mailto:andrialex@outlook.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0177-2902>.

Recebido em: 05/07/2022

Aceito para publicação em: 11/01/2023